

11 A 13
DE DEZEMBRO
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)
11º Seminário de Agroecologia e
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



Transição agroecológica, processos metodológicos

Everaldo Batista Rocha Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: everaldo.batistar@ufrpe.br; Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3227989513331312> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3184-3831>;

Jorge Luiz Schirmer de Mattos Professor do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Email: jorge.mattos@ufrpe.br ; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3886221463517734> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4748-0828>;

Ana Maria Dubeux Gervais Professora do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial - Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Email: ana.gervais@ufrpe.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7478606758967006> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1393-529X>;

Silvio Gleisson Bezerra Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial; Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); E-mail: sgleissonbezerra@gmail.com; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1496632901262913>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5671-8711>

Linha de Pesquisa: Transições Socioecológicas e Sistemas Produtivos Biodiversos.

1 Introdução

A transição agroecológica representa uma mudança profunda nos sistemas agrícolas, buscando substituir práticas convencionais, na maioria das vezes intensivas em insumos químicos e com impactos ambientais significativos, por métodos mais sustentáveis e resilientes. Essa transformação busca conciliar a produção de alimentos vegetais e de origem animal com a preservação dos recursos naturais, a promoção da biodiversidade e a melhoria da qualidade de vida das comunidades rurais e dos territórios. A questão não reside somente em promover ações de base ecológica, no contexto dos agroecossistemas, é fundamental compreender a transição agroecológica sob a lente da reflexão política.

A Transição indica que estamos em mudança e buscamos resolver um problema, uma “crise ambiental e civilizatória”. Quando Porto (2017) aborda as “características da crise ecológica”, na relação do capitalismo globalizado e a “ crise civilizatória da modernidade”,

conclui que essa crise cobra uma “necessária transição civilizatória e paradigmática em termos de novas alternativas de saberes, práticas e tecnologias” (p.1), e destaca “três elementos da modernidade capitalista que se articulam para explicar o potencial entrópico e destrutivo em curso ” no contexto .do “atual metabolismo social” (p.3), entre eles destacamos especialmente o elemento que “ diz respeito à **compressão do tempo** em torno do complexo e perigoso acoplamento entre a busca incessante de lucro e o crescimento econômico” (p.4).

O tempo acelerado do capitalismo pretende decretar o fim da história e entra em choque com outros tempos: o das pessoas, das comunidades, da natureza, dos ciclos centenários ou milenares das cosmovisões tradicionais, da contemplação espiritual, das relações interpessoais e familiares que tratam do cuidado, da educação e do convívio.(PORTO,2017,p.5).

A estratégia adotada na transição agroecológica inverte os processos da “agricultura industrial” que se dá sob intensa redução da biodiversidade e conseqüente degradação de ecossistemas, incluindo o desmatamento, a desertificação e a mudança no curso de rios, relacionado principalmente ao uso intensivo de matérias primas (madeira, minerais, petróleo etc.) para uma crescente demanda industrial e de consumo, à expansão da “agricultura industrial” capitalista e dos monocultivos.

Na abordagem sobre a Agroecologia (política) González de Molina et al (2021) comenta que mesmo sob a crítica, de alguns autores, sobre a literatura agroecológica, quando afirmam que os textos priorizam questões de manejo para os agroecossistemas, lembra que por outro lado existem autores que defendem a ampliação do campo do debate agroecológico para além dos aspectos produtivos e que entendem o papel que a agroecologia deve desempenhar para processos de consolidação dos modelos de agricultura sustentável, que não devemos tratá-la de forma indissolúvel quando discute teoria e prática, mas compreendendo-a atuando concomitantemente como ciência, prática e movimento social na condição de “ciência transformadora” , incorporando um olhar transdisciplinar e inclusivo.

2 Referencial teórico

Nas reflexões sobre processos metodológicos para a transição agroecológica a “Metodologia Camponês a Camponês” se aproxima dos sistemas de troca de conhecimento, tradicionalmente utilizado por grupos de camponeses e camponesas em territórios rurais, onde a oralidade é a principal ferramenta de comunicação, ocorre de forma horizontal, na qual a geração a transferência de tecnologia em que os camponeses possuem papel protagonista, uma

vez que o aporte técnico (intervenção do corpo técnico) ocorre apenas para suprir aspectos que escapam aos olhos dos líderes das comunidades e dos camponeses promotores.

A metodologia Camponês a Camponês (CaC) é uma forma de promoção e melhoria dos sistemas produtivos para permitir-lhes maiores índices de sustentabilidade, partindo do princípio de que a participação e o empoderamento de seus próprios atores são elementos intrínsecos ao desenvolvimento sustentável, que se concentra na iniciativa e protagonismo de camponeses e camponesas” (PIDAASSA, 2006, p.22).

A metodologia CaC não é um método de assistência e transferência de tecnologia, ao contrário, é um processo de fortalecimento das capacidades humanas e de liderança que proporciona ferramentas para envolver desde o início a comunidade. Os próprios/as camponeses e camponesas encontram as soluções para seus problemas produtivos mediante autodiagnósticos, intercâmbios e experimentação. Portanto, CaC é um processo de ajuda mútua participativo, inovador, criativo, experimental e comunicativo que busca de maneira coletiva e solidária fortalecer a sustentabilidade do desenvolvimento rural desde a parcela, comunidade ou cooperativa. E aborda por esta via tarefas sociais, políticas e culturais (CUENTAS ORMACHEA, 2008).

Os registros encontrados na literatura apontam que a metodologia camponês a camponês (CaC) surgiu na China em 1920 (SOFALA, 2007). Na América Latina isso se deu em meados da década de 1970 na Guatemala e se estendeu para o México, Nicarágua, Cuba e vários outros países da América Central e América do Sul (HOLT-GIMENEZ, 2006; HOCDE et al., 2000). Nessa metodologia a figura do técnico caracteriza-se mais como um expert de processos do que de conteúdos, mas que requer uma elevada sensibilidade social e ambiental. Como princípio parte se do que os camponeses já sabem para então operar possíveis inovações tecnológicas. A realização de intercâmbios de experiências, visitas, experimentos, mutirões em que os camponeses são os atores principais, são estratégias fundamentais para o sucesso da metodologia CaC.

Na Nicarágua, onde foi criado um Programa CaC, os camponeses que adotaram a metodologia CaC são denominados de promotores voluntários, provavelmente, em alusão ao envolvimento, desprendimento, motivação e alto grau de autoestima em que se encontram os camponeses voluntários. Segundo López Rodríguez (2008) são oito os princípios que embasam a metodologia CaC: 1) apropriação do processo; 2) mobilização dos saberes camponeses; 3) a horizontalidade e a equidade de gênero; 4) o promotor voluntário como organizador de fatos (ações) produtivas; 5) a busca permanente de melhoria produtiva (inovação permanente); 6) os

técnicos agregam valor às experiências locais; 7) empoderamento e surgimento permanente de líderes locais e 8) a missão do promotor voluntário é promover o desenvolvimento comunitário.

Na experiência cubana foi feita uma categorização das unidades produtivas, de modo a se conhecer o seu grau ou nível de transição agroecológica.

No Brasil a metodologia CaC foi experimentada na Paraíba com os Agricultores-experimentadores via AS-PTA (PETERSEN; SILVEIRA, 2007), principalmente no agreste paraibano, e em Pernambuco com os Agricultores- Multiplicadores por intermédio do Centro Sabiá na zona da mata e com a Agroflor no agreste (PIRES; SANTOS, 2007). Segundo estes autores, várias são as experiências exitosas de agricultores tradicionais com a transição agroecológica em que a metodologia CaC tem tido papel central.

É importante que não esqueçamos que o processo de ensino e aprendizagem ocorre de forma espontânea no curso das vivências individuais e coletivas, a cultura local vai sendo construída de forma espontânea, a metodologia CaC guarda essa característica.

A formação está ligada ao espaço/tempo no qual se realizam concretamente as relações entre o ser humano e o meio ambiente. Elas se dão sobretudo no nível da sensibilidade, muito mais do que no nível da consciência. Elas se dão, portanto, muito mais no nível da sub-consciência: não as percebemos e, muitas vezes, não sabemos como elas acontecem.(GADOTI, 2005,p.20).

A Agroecologia é percebida como um novo paradigma para os sistemas agrícolas e permite uma transformação para modelos de produção sustentáveis ambientalmente e socialmente justos. A partir dessa perspectiva ampliar ou massificar as experiências agroecológicas constitui uma estratégia política fundamental na transformação dos sistemas agroalimentares (ALTIERI, 2022)

3 Metodologia

Utilizamos a técnica de pesquisa bibliográfica, priorizando as referências de experiências/textos que abordam processos de transição agroecológica, com o objetivo de contribuir para o debate sobre metodologias participativas. Fizemos um recorte em referências que guardam relação com grupos sociais dos territórios camponeses da América Latina e outros exemplos, a partir da experiência dos camponeses/as agroecológicos na construção dos processos metodológicos nesses territórios.

A proposta busca oferecer uma contribuição para a realização da pesquisa no tema da transição agroecológica, permitindo identificar avanços e contribuir para a construção de um

modelo de classificação dos estágios de transição que seja útil para pesquisadores, extensionistas e agricultores

4 Resultados e Discussão

A realização de estudos sobre grupos da agricultura camponesa em várias partes do mundo permitiu a seleção de cinco casos de “massificação” da Agroecologia a partir de experiências internacionais (ALTIERI, 2022). O objetivo era identificar os fatores presentes na implementação da “massificação” da Agroecologia, e “elucidar as complexas relações entre esses fatores, a fim de formular e avaliar estratégias para o avanço das transformações agroecológicas” (MIER; TERÁN et al., 2021, p. 483).

Os cinco casos escolhidos foram: o primeiro foi o Movimento Camponês para Camponês na Mesoamérica (CaC), que nasceu no início dos anos 1970 em Chimaltenango-Guatemala, como uma iniciativa dos camponeses Maias Kaqchikel e com o apoio da OXFAM¹ e da World Neighbours².

O segundo foi a Associação Nacional de Pequenos Agricultores - ANAP e a revolução agroecológica em Cuba, que é oriunda da inquietação dos camponeses quando resolveram produzir alimentos sem “insumos escassos e caros”, permutando insumos importados e pouco acessível e fazendo a transição para sistemas agroecológicos e adotando a diversidade na produção. Entre 1997 e 2010, um terço das famílias camponesas de Cuba participaram do Movimento Camponês a Camponês-CaC. A estimativa é de que aproximadamente metade do campesinato aderiu ao CaC.

O terceiro foi sobre o aumento do cultivo do café orgânico em Chiapas-México. Os camponeses indígenas de Chiapas abastecem o mercado mundial com café orgânico. Esse processo recebeu apoio do movimento da teologia da libertação da Igreja Católica. O quarto exemplo escolhido foi a Agricultura Natural de Orçamento Zero na Índia, caracterizada por um conjunto de práticas tradicionais e agroecológicas (sistematizadas pelo agrônomo Subhash

¹ A Oxfam é um movimento global de pessoas que trabalham juntas para combater a desigualdade e caber com a pobreza e a injustiça. Trabalhamos com milhares de organizações parceiras e aliadas em quase 70 países, apoiando comunidades para melhorar suas vidas, construindo resiliência e protegendo vidas e meios de subsistência em tempos de crise. Fonte: <https://www.oxfam.org>. Acesso em: 14/05/2023).

² A World Neighbours é uma organização internacional de desenvolvimento que trabalha para aliviar a fome, a pobreza e as doenças nas aldeias rurais mais isoladas da Ásia, África e América Latina. A World Neighbours não distribui alimentos ou ajuda material, mas adota uma abordagem holística e abrangente, com foco em toda a comunidade, e não em um problema. A World Neighbours descobriu que os problemas e questões dentro de uma comunidade estão todos inter-relacionados e você não pode resolver um problema isoladamente. Fonte: Disponível em: <https://www.wn.org/who-we-are/>. Acesso em: 19 mar., 2023

Palekar) e se tornou a base de um movimento camponês adotado em diversos territórios na Índia.

E como quinto exemplo de massificação da Agroecologia, um caso no Brasil, a Rede Ecovida, criada em 1998, mas de forma embrionária já era percebida nas décadas de 1970 e 1980, quando os movimentos sociais se depararam com a concentração fundiária e a crise ambiental e social como efeitos diretos da agricultura moderna dependente de agrotóxicos (MIER y TERÁN et al., 2021). Destas experiências foram elencados oito fatores que impulsionam a massificação da Agroecologia e que atuam de forma isolada ou combinadas: 1) crises impulsionando a busca de alternativas; 2) organização social e processo social intencional; 3) práticas agroecológicas simples e eficaz; 4) processo de ensino-aprendizagem construtivistas; 5) discurso mobilizador; 6) aliados externos; 7) construção de mercados favoráveis da Agroecologia; 8) políticas favoráveis, e oportunidades políticas.(MIER y TERÁN et al., 2021).

As características da massificação (usamos aqui como sinônimo de amplificação ou escalamento) da Agroecologia são vistas como uma combinação de processos verticais, de natureza institucional, e processos horizontais, de natureza geográfica e social. Contudo, segundo Altieri (2022), para melhor entender tais processos duas perguntas centrais precisam ser respondidas: (a) Que condições fazem a Agroecologia crescer de ilhas de sucesso para abranger uma maior extensão territorial ou nacional, além de receber reconhecimento e apoio institucional? (b) Que aspectos, condições de condução e dimensões devem estar presentes em um território para que a Agroecologia se nutra, cresça e se difunda para um maior número de propriedades rurais em nível geográfico, influenciando positivamente os sistemas agroalimentares locais? Ou seja, trata-se do escalamento da Agroecologia, cujo conceito é compreendido como “um processo que expande inovações agroecológicas bem-sucedidas em um espaço geográfico para atingir um maior número de agricultores e cobrir uma área geográfica mais ampla” (ALTIERI,2022, p.1, tradução nossa).

5 Conclusões

E na medida que se aprofundam as indagações sobre os processos de escalamento da Agroecologia outras contribuições surgem buscando suas raízes epistemológicas no próprio território camponês, a partir da (re) afirmação das camponesas e camponeses na defesa de seu estilo de vida e costumes, na tradição da matriz da cultura camponesa e local. Um exemplo dessa forma de tratar o escalamento agroecológico, foi realizado entre 2016 e 2017, em estudo de caso sobre os processos metodológicos usados em organizações locais na Colômbia, os

Guardiões de Sementes de Riosucio (Departamento de Caldas) e a Rede Agroecológica do Caribe ou RECAR (Departamentos de Córdoba e Sucre), pertencentes à Rede de Sementes Gratuitas da Colômbia (RSLC) (LÓPEZ et al., 2021).

Processos de transição agroecológica não devem ser entendidos como mudanças binárias, unidirecionais e determinísticas, mas quando enfrentam oposição para emergirem se reorganizam na capacidade dos grupos sociais locais. Transformar as experiências locais agroecológicas, que escapam do assédio do capital, em fatores de transição agroecológica é um grande desafio, pois o tempo não é suficiente para conferir sua natureza transformadora, mas antes é preciso criar as estratégias corretas para aproveitar essas experiências em potenciais fatores de transformação/transição (GONZÁLEZ DE MOLINA et al., 2021).

6 Referências

- ALTIERI, M. A. **Propuesta metodológica para evaluar el escalamiento de iniciativas agroecológicas**. - Rae Perú: Centro Latinoamericano de Investigaciones Agroecológicas / Celia y Red de Agricultura Ecológica del Perú. 2022. Disponível em: <https://raeperu.org>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- CUENTAS ORMACH, D. **Marco conceptual, principios, actores e actoras em La “Metodología campesino a campesino”**. Cochabamba/Bolivia: PIDAASSA, 2008. 27p.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da terra e cultura de sustentabilidade**. Revista lusófona de educação, v. 6, n. 6, p. 15-29, 2005. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/842> .Acesso em: 30 jun. 2023.
- GONZÁLEZ DE MOLINA, M. ;PETERSEN, P. F.; GARRIDO PEÑA, F.;CAPORAL.,F. **R.Introducción a La Agroecología Política**.BuenosAires:CLACSO,2021.Disponível em: <https://www.clacso.org/introduccion-a-la-agroecologiapolitica/>.Acesso em: 21 mar. 2023
- HOCDÉ, H.; VASQUEZ, I.J.; HOLT, E.; BRAUN, A.R. **Towards a social movement of farmer innovation: Campesino a Campesino**. ILEA NEWSLETTER, v.16, n.2, p.27-27, 2000.
- HOLT-GIMÉNEZ, E. **Movimiento campesino a campesino: Linking sustainable agriculture and social change**. Oakland, California-EUA. Food First, 2006.
- LÓPEZ RODRIGUES, E. **Campesino a Campesino Nicaragua: los principios del promotor voluntario**. Managua: Unión Nacional Del Agricultores y Ganaderos. 2008. 14p.
- LÓPEZ, V. G.; GIRALDO, O. F.; MORALES, H.; ROSSET, P.; DUARTE, J. M. **Escalamiento horizontal y profundo de la agroecología: lecciones de dos organizaciones defensoras de la soberanía de semillas en Colombia**. Desenvolvimento Meio Ambiente, v. 58, Seção especial – Territorialización de la agroecología, p. 622-641, jul./dez. 2021.

MIER y TERÁN, G. C., M. et al. **Masificación de la agroecología: impulsores clave y casos emblemáticos**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 58, Seção especial – Territorialização de la agroecología, p. 480-508, jul./dez. 2021.

PETERSEN, P.; SILVEIRA, L. Construção do conhecimento agroecológico em redes de agricultores-experimentadores: a experiência de assessoria ao Pólo Sindical da Borborema. In: ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2, Recife, 2007. Cadernos... Recife: ANA, 2007. P.103-130.

PIRES, A.H.B.; SANTOS, J. A. **Multiplicação de sistemas agroflorestais: a experiência do Centro Sabiá no agreste de Pernambuco**. In: ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2, Recife, 2007. Cadernos... Recife: ANA, 2007. P.217-232.

PORTO, M. F. S. **Crise ecológica, capitalismo e metabolismo social: Reflexões para a transição civilizatória e paradigmática**, RETC - REVISTA ELETRÔNICA DE TECNOLOGIA E CULTURA - 20ª Edição – Abril de 2017 - ISSN 2177-0425 - Publicação Semestral - retc.jundiai@fatec.sp.gov.br

PROGRAMA DE INTERCAMBIO, DIÁLOGO Y ASESORIA EM AGRICULTURA SOSTENIBLE Y SEGURIDAD ALIMENTARIA (PIDAASSA). **Construyendo procesos de campesino a campesino**. San Isidro/Perú: Espigas, 2006. 154p.

PROVÍNCIA DE SOFALA (SOFALA), MOÇAMBIQUE. Promoção Económica de Camponeses. **Metodologia camponês-a-camponês: manual para técnicos**. Beira/Moçambique: PROMEC, 2007. 42p.

SOSA, B.M.; ROQUE JAIME, A.M.; LOZANO, D.R.A.; ROSSET, P.M. **Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba**. Tradução: Ana Corbisier. São Paulo: Outras Expressões. 2012. 152p.